

João Pinduca Rodrigues

## Índios assumem garimpos e lutam para sobreviver



*Os índios expulsaram os milhares de garimpeiros que invadiram as suas terras ao longo da década de 80 e assumiram o controle*

*dos garimpos, principalmente nos rios Içana e Tiquié III. Na foto, índias banham-se no rio sem preocupação com a suspeita de contaminação por mercúrio. (Página C5)*



**Os índios dão outro exemplo de que estão cansados do assistencialismo institucional. No rio Negro, depois de conseguirem a demarcação de suas terras, eles estão cuidando de desenvolver atividades**



**econômicas para assegurar sua sobrevivência. Os principais ramos de negócios indígenas estão assentados no setor de mineração e no turismo (aproveitando o fascínio que exercem por causa de sua cultura e seus rituais).**

# O caminho que passa pelo garimpo

*Os índios do Alto Rio Negro expulsam os garimpeiros de seus territórios e montam seus próprios garimpos em busca da sobrevivência*

Fotos: João Pinduca Rodrigues

Orlando Farias  
 João Pinduca Rodrigues

Ao longo da década de oitenta no pico da garimpagem na Amazônia, os 30 mil índios do Alto Rio Negro (AM) - na região conhecida como Cabeça do Cachorro, amargaram um impacto devastador: milhares de garimpeiros invadiram suas terras, prostituindo índios, viciando com droga e alcoolismo os índios, poluindo o meio ambiente com mercúrio e provocando doenças. Várias índios foram mortas ou saíram feridas desse contato e confronto direto, a partir de 1985. A realidade atual na região, porém, é totalmente diferente daquela de dez a 15 anos.

Os índios não apenas expulsaram os garimpeiros de suas terras. Assumiram também o controle dos garimpos, principalmente no Alto rio Içana, através dos índios Baniua, e no rio Tiquié III, com os índios Tucano. "Não adiantava mais continuar a trajetória dos garimpeiros e decidimos nos organizar e cooperativa", diz o presidente da Cooperíndio, Valdenir França, 36 anos, criada em 96 e considerada a pioneira.

**“Somos a terceira maior reserva mineral e queremos aproveitar o que a mãe-terra deu aos índios”**

"O objetivo é tornar os índios autossustentáveis através da mineração", diz o idealizador da Cooperíndio, o índio Alvaro Tucano, uma das principais lideranças indígenas da região e morando em São Gabriel Cachoeira, espécie de capital do rio Negro. O sonho dos índios mora ali perto de São Gabriel da Cachoeira, a maior mina de nióbio do mundo - na região de Seis Lagos, com reservas avaliadas em US\$ 1 trilhão. O nióbio é considerado um minério do futuro, porque pode ser utilizado na construção de aviões supersônicos, no revestimento de naves espaciais e nos trens de alta velocidade (bala).

A cooperativa é uma idéia de empreendimento econômico entre os índios que está se popularizando. Depois da Cooperíndio, já surgiram mais duas cooperativas do gênero, exatamente onde é mais forte a atividade mineradora indígena: no Alto Içana e no Tiquié.

Melhor ainda: "os dois processos são coletivos e racionais, sem impactos ao meio ambiente" garante o prefeito de São Gabriel da Cachoeira, Amilton Gadelha, que vem acompanhando pessoalmente a implantação desses projetos econômicos, temendo o desastre que representou o mercúrio para os rios.

Toda a tecnologia implantada nos dois garimpos é semi-mecanizada e importada da Europa através de Organizações Não-Governamentais, explica um dos líderes tucanos, Benedito Machado, que administra o projeto de ouro no rio Tiquié. "Desde que tiramos os garimpeiros do rio Tiquié, deixamos de ter problemas de poluição nas águas", diz Machado. No rio Içana, a mineração dos índios extrai o minério tantalita.

Segundo o presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Pedro Garcia, 36 anos, existem outras ocorrências de garimpagem entre índios na

Cabeça do Cachorro. A atividade só não é mais significativa porque "os brancos", que nas palavras de Garcia são mineradoras como a Parana-penama (garimpavam no Rio Negro na década de oitenta), levaram prati-

camente todo o ouro das reservas conhecidas e catalogadas. "Só deixaram os buracos e muita destruição em nossas terras", conta Pedro Garcia.

As outras jazidas, como a de Seis Lagos, estão dentro de parques nacionais ou em poder de mineradoras. Diferente dos Uaimiri-Atroari, do rio Alalau, os índios do Rio Negro convivem com grandes dificuldades, por habitarem a região mais pobre do Amazonas. Por causa da acidez do solo e do rio Negro, a agricultura é penosa e o peixe escasso.

Ciente de que o processo de integração dos índios à economia de mercado é irreversível, Pedro Garcia acredita que a exploração mineral é o caminho mais curto para a prosperidade das aldeias. "Somos a terceira maior reserva mineral do planeta e queremos aproveitar o que a mãe-terra nos deu, para não convivermos mais com o abandono e a miséria social", ressalta.

capacitação e aprendizado das técnicas de mineração, como o estudo da geologia.

O padre admite que falta muito para os índios aprenderem em termos de mineração. Numa província mineral tão rica como o rio Negro, ele acredita que a exploração dessas riquezas é uma via economicamente viável e fabulosa a ser percorrida pelas tribos.

João Francisco não teme que a garimpagem, desta vez, traga doenças e estragos ambientais. Há um grau de consciência tão forte entre os índios, lembra o religioso, que um dos programas da Federação Indígena, por exemplo, é recuperar os índios viciados em drogas e alcoolismo, que herdaram essas mazelas dos garimpeiros com os quais conviveram na década de oitenta.



O índio baré exhibe amostras de ametistas e cristais

## O garimpeiro mais antigo sonha ainda em 'bamburrar'

Os índios já mineram há milênios no Rio Negro. Descobertas arqueológicas em serras do Parque Nacional do Pico da Neblina, naquela região, sugerem que o ouro já era extraído do lugar em passado remoto. Lugar de maior concentração indígena do país (tem 23 etnias e cerca de 30 mil índios - 10% da população indígena nacional), São Gabriel da Cachoeira nunca abandonou a chamada 'febre do ouro'.

A diferença é que, antes, os índios mineravam isoladamente ou eram homens-mula dos garimpeiros brancos. É o caso, por exemplo, do índio ianomâmi Edmilson

Oliveira, 25 anos, que já subiu e desceu muitas vezes o Pico da Neblina, o ponto mais alto do país, com 4.013 metros, na fronteira com a Venezuela. Durante seis anos, ele foi empregado de garimpeiros carregando mantimentos pelas encostas do maciço amazônico.

"O trabalho ali é muito ruim", diz o ianomâmi da aldeia de Maturacá, no lado amazônico da reserva de 9,4 milhões de hectares. "Hoje minha esperança é que os garimpos dos índios consigam dar certo para ter emprego em São Gabriel da Cachoeira", resume Edmilson, que está sem

ocupação há dez meses.

O mais antigo dos garimpeiros da Cabeça do Cachorro, o índio baré Borges de Oliveira França, de 72 anos, já percorreu todos os últimos 50 anos. Borges garante que existem minérios por toda a parte nessa área do Amazonas. Num dos quartos de sua casa ele conserva, ensacados, várias amostras de pedras semi-preciosas, como ametistas e cristais. "O índio deve continuar lutando porque não pode continuar na pobreza numa terra tão rica como essa".

O velho baré não fez fortuna em suas andanças pelos garimpos da

floresta. Reconhece que em muitos deles, teve que sair corrido pelas constantes operações policiais.

Só em 1988, Borges foi expulso duas vezes de terras indígenas. "Era uma grande contradição os índios serem proibidos de minerarem em seus próprios territórios", relembra, acreditando que agora, com a mineração praticada pelas tribos, os índios vão deixar de ser caçados como bichos, dentro do mato, pelas operações policiais de repressão aos garimpos. Como todo garimpeiro, ele mantém vivo o sonho de 'bamburrar' (descobrir muito ouro e ficar rico junto com seu povo).

## Os índios políglotas do turismo



O índio-empresário Valdir Silva

Os índios do rio Negro estão desde o ano passado explorando o turismo ecológico. A atividade está apenas começando e ainda não tem muita expressão econômica, mas já emite sinais de que pode se converter em outra alternativa econômica dentro de pouco tempo. A dificuldade é a locomoção entre Manaus e a cidade de São Gabriel da Cachoeira, num percurso de 900 quilômetros e três horas de voo em avião bandeirantes.

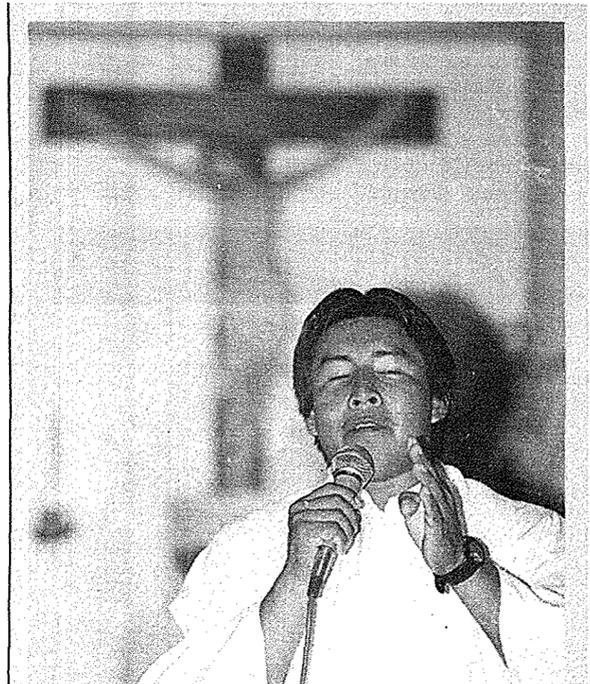
Esse turismo que está ganhando o nome e a modalidade de indi-

gena tem um forte apelo: a abertura das portas das aldeias aos turistas, interessados em conhecer os seus hábitos e costumes.

Uma das empresas está sendo constituída pelos índios Valdir Pereira da Silva (filho de português com índia macuxi) e Alexandre Dessano. Valdir começou como guia turístico na empresa turística Nature Safaris. Falando quatro idiomas, os dois se prepararam para fundar a Lauretê ('Onça Pintada'), uma agência que pretende atrair o turismo europeu sensível à cultura dos índios. Exa-

tamente por causa disso, Alexandre está atualmente na Suíça, onde também aproveita para aprender melhor o idioma alemão.

"O potencial é muito grande porque aldeia de índio na Amazônia, com seus rituais e sons, exerce uma atração muito grande na maioria dos turistas", diz Valdir Pereira, conhecido na região como 'Mister Val'. Ele acredita que a atividade turística vai crescer enormemente à medida que os índios forem adquirindo maior experiência no ramo e for aumentando a profissionalização das empresas.



Padre João Francisco: defesa da cultura dos índios e do garimpo

## Igreja ganha cara de índio

O único padre índio da Amazônia reza missa, na língua dos próprios índios, desde 1992 em São Gabriel da Cachoeira, quando foi ordenado. Trata-se de João Francisco, 31, um índio uanana que nasceu no rio Waupés, educou-se em seminários em várias partes do mundo e sempre sonhou em voltar à sua terra como sacerdote. Uma das vozes mais ouvidas no Alto Rio Negro, padre João Francisco é um dos maiores entusiastas da atividade mineradora dos índios.

"Não podemos depender toda vida dos outros", sustenta, e completa: "Nós já começamos a buscar alternativas e caminhar com as nossas próprias pernas, mesmo sendo elas frágeis". Ele defende, porém, que os índios devem investir mais na sua